

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

**Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



Fénelon, arcebispo de Cambrai

## Esponsaes

Por que forma poderão provar-se os esponsaes no foro externo?

O Concilio Tridentino nada dispoz acerca da forma do consentimento nos esponsaes, reconhecendo-lhes, todavia, efeitos quando validos (sess. 24, cap. 3 do ref. matr.). Poderão portanto provar-se por todos os meios de prova de direito commum (can. Nostrates 30, quaest. 1, l. 1, De sponsal. et matr.). D'harmonia com este direito commum estão as nossas Constituições Diocesanas, que tambem não exigem especie determinada de prova (l. 1, t. 10, c. 2).

Todavia n'uma Provisão de D. Jeronymo, Vigario Capitular e Bispo eleito do Porto, com data de 7 de janeiro de 1841, entre outras *advertencias* encontra-se a seguinte com o n.º 1: «Os esponsaes ou futura promessa de casamento somente impedem o matrimonio para todos os efeitos civis e canonicos quando não são celebrados por escriptura publica, ou, nas terras onde não houver tabelliães de notas e duas leguas em redor, por escripto particular assignado por quatro testemunhas, o qual deixa de ter validade não surtindo efeito dentro d'um mez, ou não se reduzindo a escriptura publica dentro d'esse mesmo tempo—L. de 6 d'outubro de 1784. Portanto toda a futura promessa de casamento que fôr feita por outro qualquer modo, nenhum impedimento ou efeito produz».

Intendeu-se geralmente, e com razão, que a lei citada de 1784 regulava somente os efeitos civis dos esponsaes, e não os efeitos canonicos, por estes pertencerem ao foro particular da Igreja. Este Prelado, porém, intendeu de modo diverso, segundo parece. Quando, porém, a sua *advertencia* se considere como uma *lei diocesana*, terá valor? poderia o Prelado legislar por esta forma e exigir como prova unica dos esponsaes a *escriptura publica*?

Na 12.<sup>a</sup> edição da *Theologia Moral* de Scavini, ampliada e annotada por Del Vecchio (t. 3, p. 622), diz-se que o Bispo pode determinar que os esponsaes se façam *por escripto*, sob pena de lhes não reconhecer efeitos no seu foro judicial. E a prova? Nenhuma apresenta, nem conheço outro moralista que seja do mesmo parecer.

Parece-me que se não pôde deixar de seguir opinião contraria pelos motivos seguintes:

a) E' principio geral que os Bispos não podem legislar contra o direito commum, e por direito commum os esponsaes podem ser provados por outra forma que não seja a escripta, ou escriptura publica.

b) O arcebispo de Quebec pediu ao Santo Officio que fossem declarados nullos os esponsaes contrahidos sem certas solemnidades externas, e aquella Congregação respondeu-lhe a 1 d'agosto de 1852: «Curet archiepiscopus prudentiori modo sibi beneviso gregem suum docere de valore sponsalium *quacumque forma contrahantur* (Canon. de 1898, p. 491).

c) Pio IX na sua carta de 25 de novembro de 1865 aos Bispos do norte da Italia diz: «Moneant fideles enixe ut nunquam *sine teste* contrahantur (sponsalia) ita ut circumstantiis id postulantiibus etiam in foro externo probari possint» (Canon. de 1898, p. 491). Logo os esponsaes podem provar-se ordinariamente *por testemunhas* mesmo no foro externo.

d) O Cardeal bispo d'Ancona em nome dos arcebispos e bispos reunidos n'aquella cidade para as conferencias regionaes, reconhecendo que os bispos nada podem sobre este assumpto «porque é uma materia de

direito commum e respeita á disciplina universal da Igreja», mas desejando dar remedio aos numerosos inconvenientes que resultam da validade dos esponsaes particulares, pediu n'uma carta ao Santo Padre que se dignasse examinar se seria conveniente fazer a Santa Sé uma lei geral que determinasse quaes as solemnidades que devem acompanhar os esponsaes para serem validos, ou permittisse a elles bispos publicar para as suas dioceses um decreto disciplinar que estabelecesse essas solemnidades. A S. Congregação do Concilio, discutiu este assumpto e não julgou conveniente deferir (14 maio 1898 no *Canon.* de 1898, p. 489).

e) Os arcebispos e bispos da America latina reunidos em concilio plenario reconheceram que não podiam legislar n'esta materia e pediram ao Santo Padre que estendesse ás suas dioceses a declaração da S. C. do C. de 31 de janeiro de 1880 que approvou o costume da Hespanha, segundo o qual não eram validos os esponsaes que não fossem celebrados em *escriptura publica*. O Santo Padre attendeu o seu pedido a 1 de janeiro de 1900, *pro gratia*, declarando portanto que era um indulto (Canon. de 1900, p. 371.) Vid. *Canon.* de 1902, p. 181.

Parece-me que isto basta para provar que a *advertencia* constante da P. de D. Jeronymo não tem valor canonico.

A exigencia d'escriptura publica para a validade dos esponsaes na diocese do Porto actualmente só poderia justificar-se pelo *costume*. Mas haverá effectivamente esse costume com os requisitos devidos? Duvido muito.

E convem notar a este respeito uma decisão de S. C. do C. de 1896. A maior parte dos paizes da America latina tinham sido colonias hespanholas e observavam a pratica d'Hespanha quanto á exigencia d'escriptura publica para a validade dos esponsaes; poderia applicar-se-lhes a já citada declaração da S. C. do C. que approvou esse costume da Hespanha? Assim o pediram os bispos do Chili em 1895, mas, como não parecia sufficientemente provado o costume *geral* e como por outro lado, se existia somente em certas dioceses, havia graves inconvenientes em supprimir a lei canonica para um territorio muito restricto, a S. C. do C. respondeu a 25 de janeiro de 1896: «*Adiada*» (Canon. de 1896, p. 389 e de 1900, p. 373).

Nas dioceses de Portugal a pratica não é uniforme, e tem variado mesmo na mesma diocese. Assim em Braga até 1885 admittia-se a prova testemunhal; mas n'esse anno a Relação Ecclesiastica consultou (e assim foi estabelecido) que para prova da promessa de casamento se exija documento escripto, quer seja uma simples carta, quer escriptura embora não feita de proposito mas d'onde a promessa se infira facilmente.

Parece que o motivo d'esta resolução foi o não ser «difficil encontrar testemunhas para o que se quizer» (*Voz da Verdade*, n.º 28 de 1902).

Salvo, porém, o devido respeito, parece-me que o argumento prova de mais. Deveria tambem supprimir-se a prova testemunhal nas justificações d'estado livre, por ex., ou na execução das dispensas matrimoniaes. O Juiz, segundo me parece, deve ouvir as testemunhas das *partes* com as garantias que o direito concede, apreciar esses depoimentos segundo o seu prudente criterio e no caso de duvida julgar *pro libertate*.

Entretanto confesso que a legislação a respeito d'esponsaes carece de ser refomada, mas pela auctoridade competente; e n'este sentido têm sido feitos varios pedidos á Santa Sé e foram apresentados alguns *postulata* ao concilio do Vaticano (Canon. de 1898, p. 492).

Seja como fôr, é certo que apparecendo alguém a

*oppor* a promessa de casamento, a parochia não pôde resolver este assumpto de per si e tem d'esperar despacho ou sentença do Prelado.

Vid. *Canon.* de 1891, p. 411; de 1897, p. 29; de 1900, p. 607 e de 1901, p. 118, *Acta S. S.* t. 27, p. 611 e *Rev. de leg.* t. 27, p. 167.

COELHO DA SILVA.

### Allocução

Publicamos em seguida a eloquente oração proferida pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Manoel Vieira de Mattos, Arcebispo-Bispo da Guarda, quando no dia 4 de Junho de 1903 fez a sua solemne entrada na sua Sé Cathedral Egitanense.

Essa allocução pastoral, revestida da suavidade propria d'um pae para com seus filhos, e da eloquencia propria d'um principe da igreja lusitana, foi a seguinte:

Nos tempos difficeis que atravessamos, em que a fé viva, energica e generosa dos nossos antepassados vae desaparecendo sob as ruínas dos bons costumes, para lhe succeder geral indifferença religiosa, importa que Prelados experimentados, zelosos e animados de verdadeiro espirito apostolico sejam collocados á frente da grei santa. No emtanto, sem a experiencia que os largos annos dão, sem esse zelo activo, desinteressado e constante que o entranhado amor pelas almas produz, carecedor do espirito que caracteriza o digno e legitimo successor dos Apostolos, Deus por sua infinita bondade, dignou-se associar-Nos á grande obra da salvação de vossas almas, amados diocesanos, confiando-Nos o governo pastoral da vasta diocese egitanense: ministerio sublime e espinhoso, que, com tanto fructo e edificação, fôra exercido pelo Nosso venerando e dignissimo Predecessor.

Se em Nós, porém, não concorrem as qualidades e meritos que Nos tornem apto para o desempenho de munus de tão grande responsabilidade, nem por isso desanimamos; pois que, não em Nós, mas n'Aquelle que nos conforta, está toda a nossa confiança. Só Elle nos poderá dar a força e coragem para arrostarmos os perigos e contrariedades a que seremos exposto no cumprimento da missão que Nos confiou. Pois não é sem lucta e esforço heroico que ao Pastor d'almas é dado cumprir em nossos dias o seu divino mandato, em que escriptos irreligiosos de toda a especie, com uma profusão assustadora, são propagados diariamente entre os homens de todas as classes e condições. O artista na officina, o negociante no balcão, o lavrador no proprio campo e até o pobre na sua mansarda, ávidamente lêem essas produções litterarias, em que o veneno do erro é ministrado debaixo de formas seductoras, tornando

inaccessiveis á salutar influencia das verdades religiosas, prégadas pelo Parocho, quando muito, uma vez por semana, os espiritos d'aquelles a quem o apostolado d'uma imprensa anti-religiosa préga a negação do dogma todos os dias! E' necessario, portanto, que o Pastor d'almas, sem descurar os restantes meios de propaganda religiosa, desça á arena, e, servindo-se das mesmas armas de que usam seus adversarios, combata a falsa pela verdadeira sciencia, sustentando victoriosamente a verdade do dogma catholico.

Depois de Deus a Nossa confiança está posta em vós, venerando Chantre e Cabido, que a mesma Igreja nos ha proposto como esclarecidos e avisados conselheiros. No cumprimento de Nossos arduos devêres seremos não poucas vezes surpreendido por imprevistas difficuldades, e a Nossa acção pastoral affrontada por injustas opposições. Ser-nos-ha então preciso valor e constancia para não vacillarmos, e tambem a conveniente flexibilidade, quando as circumstancias exijam prudente modificação de Nossas resoluções. Nas luzes do vosso espirito, na rectidão de vossos juizos, e ainda no exemplo de vossas virtudes, esperamos encontrar essa energia e brandura, para que no exercicio do poder de que estamos munido sejamos sempre forte sem deixarmos de ser suave. . .

Mas por mais illustrado, fervoroso e constante que seja o Nosso zelo, elle tornar-se-ha esteril para a maior parte dos fieis da Nossa diocese, se não fôr secundado pela vossa prestimosa e necessaria cooperação, amados Arciprestes, Parochos e demais Curas d'almas. Baldados serão os Nossos esforços e sem fructo os Nossos trabalhos pastoraes, uma vez que, pelo exacto cumprimento das obrigações inherentes ao vosso cargo, não sejaes para os fieis das vossas parochias a luz da boa doutrina e o sal das boas obras. E assim convêm que as vossas prégações sejam frequentes e repassadas de fervor ardente, que todo o hom padre sabe haurir no intimo commercio com Deus pela oração. Ao ministrardes o pão da palavra celeste aos vossos parochianos conservae presente ao vosso espirito o verdadeiro modelo do orador christão admiravelmente traçado por S. Bernardo, n'uma de suas notaveis cartas, dirigidas ao papa Eugenio: — "Para prégar a palavra de Deus ao povo, diz elle a seu illustre discipulo, escolhei homens que sejam como Moysés entre os egypcios; como Elias em face dos idolatras;... como Eliséo, apostrophando os avarentos; como João Baptista em presença dos reis; como Pedro, punindo os mentirosos; como Paulo, censurando os blasphemos; e finalmente como Jesus Christo, nosso modelo em tudo." — O orador que se faz admirar não é aquelle a quem

mais seguem os peccadores; serão de maior effeito os sermões mais pomposos, mas não os de maior fructo. A S. Vicente de Paulo, que felicitára Mgr. Sarlat pela simplicidade com que havia prégado aos seus ordinandos, responde o mesmo Prelado: — “Eu vos confesso com equal simplicidade que facil me seria servir-me d’um estylo pomposo e elevado; mas eu teria offendido a Deus, se assim o tivesse feito.” — E’ precisamente a humildade a causa dos grandes triumphos da eloquencia christã. São ainda hoje, como ha 19 seculos, são os humildes pescadores da Galiléa, e não os sabios do Areopago, os chamados para converter o mundo. A vaidade, pois, explica o pouco fructo dos trabalhos oratorios de tantos, aliás insignes, pré-gadores. E, para complemento de vossa missão evangelica, á boa doutrina deveis juntar o sal do bom exemplo. E’ este o segredo que dá a razão do imperio que sobre suas ovelhas têm exercido em todos os tempos os Pastores de exemplar virtude. E’ tal a efficacia do bom exemplo, que S. João Chrysostomo não duvida considerá-lo superior aos milagres, attribuindo a conversão do mundo, não tanto aos prodigios obrados pelos Apostolos, quanto á edificação de suas virtudes: (*Mundum converterunt, non propter miracula quæ fecerunt, sed quia in ipsis verus erat gloriæ pecuniceque contemptus.*) Para a salvação das almas confiadas aos vossos cuidados, não careceis, portanto, do sobrenatural poder de obrar milagres; basta-vos a grande força moral de uma vida irreprehensivel, que todos podeis ter, por isso que ao alcance de todos está a practica da virtude.

E dirigindo as Nossas saudações tambem a vós, amado Clero adstricto ao serviço religioso n’este bispado, apraz-Nos revelar-vos qual será sempre o Nosso procedimento na administração e governo d’esta diocese. Não preside á Nossa acção pastoral outro intento que não seja a gloria de Deus e o bem das almas. Para alcançarmos este duplo fim, servir-nos-emos da oração; e, depois d’esta, preferiremos os meios do amor e da suavidade, que são os mais conformes com a indole do Nosso ministerio. E’, pois, Nosso desejo que o muito digno Clero egitaniense, vendo em Nós a auctoridade d’um Prelado, reconheça tambem a bondade d’um pae e a dedicação d’um amigo.

Se a Nós e aos Nossos dignos cooperadores foram confiados hoje os destinos da nobre Diocese egitaniense, amanhã sereis vós os Nossos herdeiros, queridos seminaristas. E eis o titulo que vos constitue credores de toda a Nossa dedicação e affecto. Collocados á sombra do Sanctuario, vós sôis a esperanza d’esta diocese. Para a seu tempo alimentardes os fieis com a palavra de Deus, que dissipa a ignorancia, tão geral, das verdades religiosas, e animardes com uma vida exemplar

a practica das virtudes christãs, tão prejudicada pela não menos geral corrupção dos costumes, fostes segregados dos demais christãos, chamados ao Seminario e entregues aos Nossos cuidados. Incumbe-Nos, portanto, não só procurar que seja nutrida copiosa e methodicamente a vossa intelligencia com solidos e vastos conhecimentos, mas tambem cuidar com esmero dos vossos corações, levando-os á conquista de todas as virtudes sacerdotaes. Para cumprirmos, porém, tam imperioso como grato devêr, necessario é que todos estejaes sujeitos á mesma disciplina, habitando, como internos, o Seminario. Se é mister que os alumnos do Seminario adquiram proficientemente a sciencia ecclesiastica, e alcancem o complexo dos bons habitos e virtudes sacerdotaes, importa que elles tenham, durante o tempo de sua formação, vida commum, dirigida por sábias e prudentes regras, dividida entre o estudo e a oração, vigiada por superiores experimentados, que cuidem da exacta observancia da disciplina, corrigindo com prudencia e estimulando com zelo ao exercicio da virtude. E assim o entendeu o Nosso venerando e saudoso Predecessor, procurando supprir a falta de capacidade do edificio do Seminario, mediante a compra d’uma casa, que, infelizmente, não chegou a effectuar-se. Quando, pois, não o reclamasse urgentemente a educação dos Nossos queridos seminaristas, bastava que Nós soubessemos, como realmente sabemos, que essa era a vontade do Nosso illustre e dignissimo Predecessor, para desde já trabalharmos efficazmente a fim de pôrmos a salvo, dos graves perigos do externato, todos os alumnos do nosso Seminario. Com internato tornar-se-ha para o seminarista suave o trabalho na aquisição da virtude, e facil a applicação ao estudo da sciencia, de que o padre tanto carece. Verberar o vicio e animar a virtude não é toda a missão do padre: hoje é forçoso que elle defenda o sagrao deposito da fé contra formidaveis inimigos, que de toda a parte surgem. Assim alguns sectarios fazem dizer á palentologia, assalariada pelo erro, que Deus é uma hypothese e o *Genesis* uma mentira, affirmações gratuitas e impias que em côro repetem as demais pseudo-sciencias. Destruir o sobrenatural nos dominios da philosophia, no terreno das doutrinas e no campo da historia: eis os tres grandes esforços da sciencia inimiga de Deus. A este triplice esforço correspondem os tres grandes corpos de exercito em que se dividem todas as forças inimigas,—o positivismo, o racionalismo e o mythicismo. Ao apontar-vos para os arraiaes dos inimigos do Christianismo é Nosso desejo estimular-vos ao estudo das disciplinas, objecto de vossos trabalhos escolares. Devendo vós ser um dia mestres e defensores das doutrinas christãs, e devendo a defesa ser proporcional ao ataque, qual

não deve ser hoje o vosso estudo, para offerecerdes a seu tempo uma barreira efficaz a inimigos tam aguerridos e pertinazes?...

Antes de saudarmos, em geral, os fieis de Nossa diocese, cumpre-Nos dirigir a vós, illustres Auctoridades d'este districto, as Nossas respeitadas saudações. Do zeloso e imparcial cumprimento dos nossos respectivos devêres depende simultaneamente a nossa gloria pessoal e o bem estar dos povos entregues aos nossos cuidados. Convêm, portanto, que os nossos poderes se auxiliem reciprocamente, visto tenderem ao mesmo fim, — o bem commum, — embora em espheras distinctas e diversas. Somos todos ministros de Deus, para bem dos nossos subordinados, devendo ser d'este modo o nosso procedimento, em tudo conforme com a vontade d'Aquelle de quem deriva todo o poder. Continuae, pois, com a isenção que vos caracteriza, a corrigir com promptidão e energia as desordens publicas, e a conter com mão firme os maus, fazendo prevalecer sempre a equidade e a justiça.

Fieis de todas as classes e condições sociaes, o facto de serdes christãos dá-vos legitimo direito aos Nossos desvelos e canceiras pastoraes. Se a todos, porém, assiste igual direito, aos paes de familia cabe maior quinhão na partilha dos Nossos trabalhos e fadigas, em ordem á salvação de vossas almas; por isso que vinculados ao cumprimento de seus sagrados devêres estão os mais vitaes interesses da Igreja e da sociedade. Da boa ou má educação dada á creança, no lar domestico, dependem, em grande parte, os bons costumes da geração nascente, que será a sociedade d'amanhã. Paes de familia! educar é civilisar. E hoje, como sempre, a educação genuinamente christã, a educação pelo catecismo, é a unica educação civilisadora. Educar é dirigir com rectidão e prudencia as nobres inclinações da alma do infante, é facilitar-lhe a expansão de suas legitimas necessidades, e a necessidade mais profundamente sentida é a necessidade de Deus. A creança é tenra vergonhea que só pôde desenvolver-se com vantagem debaixo do influxo d'aquelle Sol divino. No catecismo encontrareis para vossos filhos a mais solida garantia dos bons costumes, que é o temor de Deus, e a solução dos grandes problemas que mais interessam a intelligencia, como muito bem o affirmou um sabio tão illustre como insuspeito: «Lede o catecismo, disse Jouffroy, e n'elle encontrareis resolvidas todas as questões por mim propostas. Perguntae ao menino para que nasceu e o que espera depois da morte, e de seus labios infantis ouvireis uma resposta sublime. Perguntae-lhe como foi creado o mundo e para que fim; e na terra para que creou Deus as plantas e os animaes; como principiou a ser povoada a

terra, se por uma ou muitas familias; porque é que os homens falam muitas linguas; porque é que elles soffrem; porque é que se guerrèiam; como é que tudo acabará: — elle o sabe. Origem do mundo, origem da especie humana, questões de raças, destino do homem n'esta e na outra vida, relação do homem com Deus, devêres do homem para com os seus semelhantes, direitos do homem sobre a criação: — elle nada ignora.»

Porém, entre os fieis da Nossa vasta diocese, destaca-se uma classe, que, em razão do grande numero de individuos que a compõe e do logar importante que occupa nos destinos da presente sociedade, merece de Nós especial saudação. E' a classe operaria, que, havendo sido sempre grande pelo numero, hoje ainda o é mais pela força que a organização lhe dá. Maior que a grandeza de tua força, caro operario, é a elevação de tua dignidade. Deus, associando-te á grande obra do Seu poder — a criação, alliou-te ainda á realização da obra do Seu immenso amor — a Redempção. Creou Deus os seres e n'elles occultou propriedades e forças que o sabio descobre e o operario applica á satisfacção das diversas necessidades do homem. Se a Deus, pois, cabe a criação das forças naturaes e ao sabio o descobrimento das mesmas e dos processos de sua applicação, a ti cabe o acto, a realidade d'essã applicação. Que importava o ter creado Deus as planicies e o sabio descoberto os meios do seu amanho e cultura, se o operario, auxiliado d'esses meios, não as convertesse em prados fecundos e ferteis campinas? ... Creada e descoberta a electricidade, ella não transmittiria com a velocidade do raio o pensamento humano, se não fosse a intervenção do operario. Na ordem da graça, porém, a tua dignidade attinge o maximo de sua elevação. O Evangelho, que é a historia d'um Deus, é tambem a historia d'um operario. Jesus Christo, filho de paes operarios, e elle operario tambem, realizando sua missão divina, soccorreu-se, não dos sabios d'Athenas, mas dos pescadores de Galiléa para salvar o mundo.

E, assim, traçado fica o plano de Nossa missão pastoral. Seminario, escola e officina, eis os tres pontos para onde, desde já, deve convergir toda a Nossa actividade: — no Seminario, por meio d'uma esclarecida e zelosa disciplina, forma-se o bom padre; — na escola, pelo estudo theorico e practico do catecismo, o bom cidadão; — e na officina, mediante os luminosos ensinamentos de Leão XIII, o bom operario. Da perfeição d'estas tres classes resultará a felicidade social de toda a Nossa diocese, — objecto dos Nossos mais ardentes votos e ainda dos Nossos mais arduos sacrificios.

Disse,

## LITTERATURA

## Filho e mãe

—Adeus, mãe, adeus!...»  
 —Menino,  
 Filho do meu coração,  
 Onde vaes tam pequenino?»—  
 —«Correr o mundo é meu destino;  
 Deus me dará protecção.  
 Adeus, mãe!...»  
 —Oh! filho meu,  
 Porque não vives contente  
 Co'a sorte que Deus te deu?  
 Tua mãe é tam doent!...»  
 —«Mãe, se me não deixas ir...»  
 —«Que fazes?»  
 —«Oh! mãe, consente!»  
 —Se não deixo?...»  
 —«Hei de fugir!»  
 —«Filho!»  
 —«Perdão... é destino.»  
 —«Mas tu és tam pequenino...»  
 —«Adeus, mãe; eu von partir!»  
 —«Só tens dez annos, creança!  
 Com essa idade, onde vaes?»  
 —«Mãe, tenho em Deus confiança,  
 Não preciso nada mais.»  
 —«Vae, meu filho, dizes bem;  
 Quem põe no céu a esperança,  
 E' que no mundo a não tem.  
 Vae, menino; vae, querido,  
 Eu fico sempre a chorar  
 Pelo meu filho perdido...»  
 —«Não chores, que hei de voltar  
 Hei de trazer um thesouro  
 Das terras d'alem-mar...»  
 —«Oh!»  
 —«De grossas contas d'ouro  
 Te hei de fazer um collar.  
 Não chores, ó mãe querida,  
 Não chores, que hei-de tornar!»  
 —«Ai, filho da minha vida!  
 Nunca mais te torno a ver!  
 Filho, não vás, não me deixes,  
 Que não te quero perder.»  
 —«Mãe...»  
 —«Não quero!»  
 —«E' meu destino!»  
 —«Não quero que vaes morrer!»  
 —«Vou em busca da riqueza;  
 Oh! mãe, confia no céu...»  
 —«Não, não, eu quero a pobreza  
 Ao lado do filho meu.  
 Não sejas ambicioso,  
 Filho do meu coração.»  
 —Mãe, no instante doloroso  
 Da nossa separação  
 Roga per mim ao Senhor...»  
 —«Se rogo! bem sei decerto  
 O' filho do meu amor,  
 Que n'este mundo deserto  
 Só me fica immensa dôr!  
 Ai! eu jámais te verêi...  
 Se tu, sem mim, não morrerês,  
 Eu, sem ti, não viverêi.»  
 —«Oh! mãe!...»

—«Parte, e se voltares,  
 Bem rico e muito feliz,  
 E a tua mãe não achares,  
 Não digas que Deus o quiz...»  
 —«Mãe!...»  
 —«Adeus, eu fico orando,  
 Porque sou mãe...»  
 —«Voltarei.»  
 —«Lembra-te de vez em quando...»  
 —«Oh! sempre me lembrarei!»

## II

Partiu o filho; e dez annos  
 Buscando a fortuna em vão,  
 Só amargos desenganos  
 Encontrou sua ambição.

Pensando na mãe que amava,  
 Cuidando tornal-a a ver,  
 Noite e dia se cançava,  
 Co'a desdita a combater.

Por fim, vencido e quebrado,  
 Mais pobre do que partiu,  
 Ao seu ninho abandonado  
 A saudade o conduziu.

Mas a mãe já não vivia,  
 Quando o triste ali chegou...  
 E deserta, muda e fria,  
 Sua morada encontrou.

Então, no chão, de joelhos,  
 Cae, humilde, a soluçar;  
 Ao lembrar se dos conselhos,  
 Que não soube aproveitar.

Se a mãe tivera attendido,  
 Não fôra tam infeliz,  
 Nem chorara um bem perdido  
 Que em outro tempo não quiz.

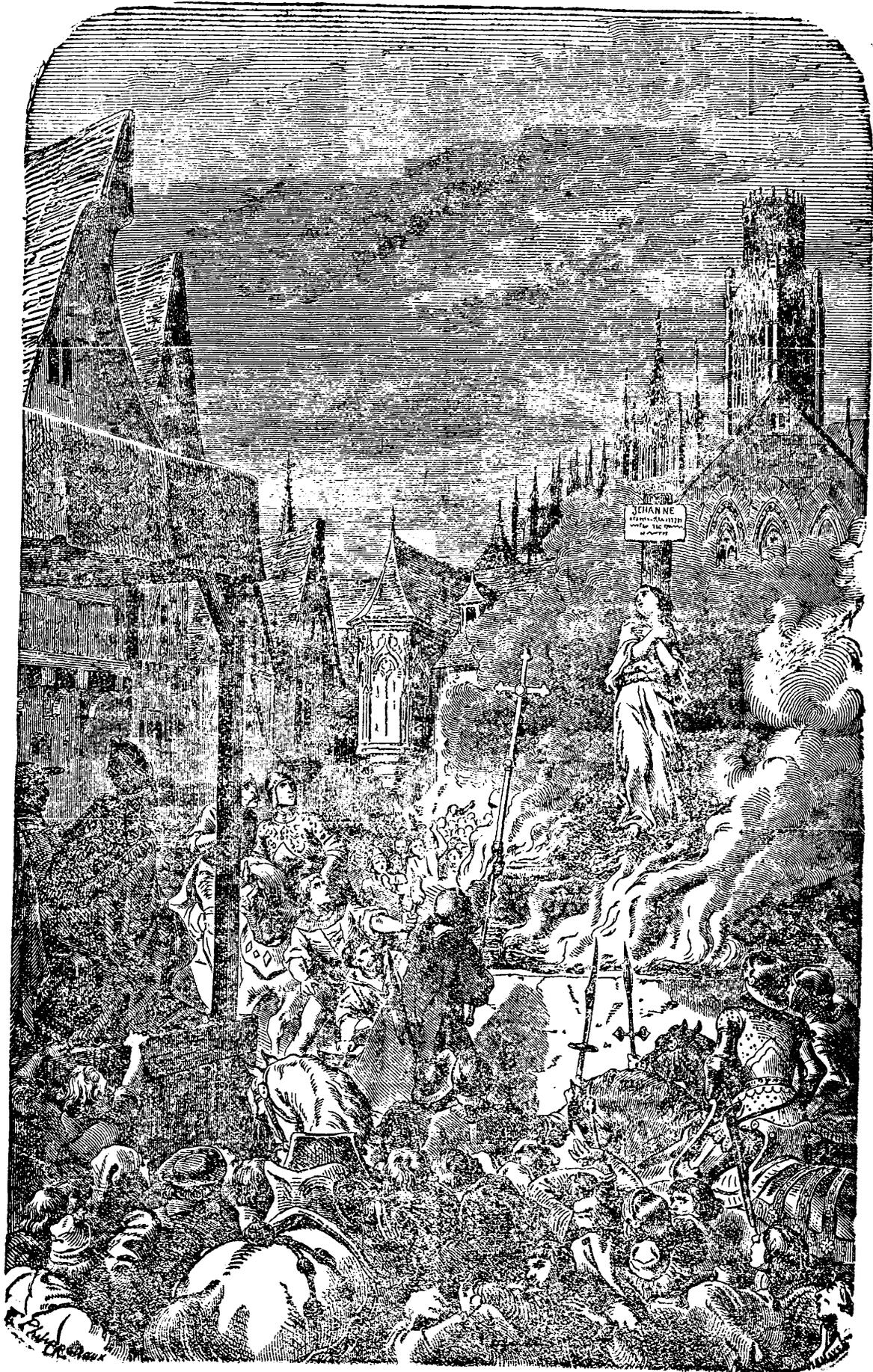
Ai dos que não obedecem  
 A' doce voz maternal;  
 Que n'ella não reconhecem  
 Affecto mais que mortal!

Ai d'elles! a desventura  
 Que não prevenir a mãe,  
 Ninguem, nenhuma ternura  
 A póde prever tambem.

F. GOMES D'AMORIM

## O Rosario

Quando, á noite, contemplo taciturno  
 Estas contas antigas, o rosario  
 Das minhas orações,  
 Vejo em minh'alma o poema legendario  
 Dos velhos tempos, das longiquaa éras  
 De santas devoções.



A morte de Joanna d'Arc

A cruz ebúrnea, onde agonisa o Christo,  
E' d'um lavor subtil, que nos revela  
Um genio magistral,  
Obra de monge, em merencoria cella,  
Piedoso artista ha muito adormecido  
Em velha cathedral.

Tem seculos: talvez que n'estas contas  
Passasse outr'ora suas mãos esguias  
A castellã senil,  
Pensando, triste, nos ditosos dias  
Em que a seus pés um menestrel vibrava  
O mimoso arrabil.

Talvez que este rosario minorasse  
As saudades da noiva lacrimante,  
Que debalde esperou  
Em cada náu, que vinha do Levante,  
O seu donzel amado, que partira  
E nunca mais voltou.

Sobre a cóta d'um joven cavalleiro,  
Que o beijava por noites estrelladas  
Pensando em sua mãe,  
Elle assistiu á guerra das cruzadas,  
Atravessou talvez a Terra Santa  
E viu Jerusalem.

Talvez alguma freira em triste claustro,  
De seus annos na doce primavera,  
Só d'elle confiou  
Seus loucos sonhos de fallaz chimera;  
E, apertando o rosario ao peito ancioso,  
Consolada expirou.

Isto o que leio no rosario antigo;  
E quando, melancolico, lhe beijo  
As contas de marfim,  
No ar escuto indefinido harpejo,  
E então a crença, a mystica toada  
Murmura dentro em mim.

GONÇALVES CRESPO.

COLLABORAÇÃO

A moribunda

Era na manhã d'um dia sereno e bello como os da primavera, e a cidade remechia-se n'um labotar constante. Uns passavam afanosos como impellidos por uma mola electrica; outros n'um descuido vago passavam sem dar a minima importancia ao que se passa em torno d'elles; e outros riam inconscientemente, fazendo-nos lembrar que estavam n'um hospital d'alienados, emquanto as carruagens se cruzavam n'um barulho atoador.

Tudo isto se passava na cidade, emquanto o sol brilhante tocava o seu zenith. Era a vida em plena effervescencia! Mas, n'uma casa ao rez do chão n'um pobre leito, jazia uma infeliz a braços com a morte! Oh! mas que digo? infeliz não: porque ella um dia antes tinha sido confessada por um santo sacerdote que lhe incutiu n'alma coragem e resignação para suportar todas as dores e offerecer-se em holocausto a Jesus Redemptor. Este sacerdote que tem estampado no rosto a bondade da sua alma, conheço-o muito bem e comigo toda a cidade.

A feliz creatura que teve a felicidade inaudita de ter

na sua ultima hora um santo sacerdote que a consolou com palavras de salvação, dando-lhe a absolvição dos seus peccados, foi depois fortificada com o SS. Viatico que lhe deu forças para resistir aos inimigos que com mais força a combatiam n'aquella hora solemne e extrema. Oh! estou a vel-a: a vida se lhe extinguia n'um respirar agitado e de seus olhos meio cerrados já rolava a lagrima de despedida e a pobrezinha estava só! só n'um momento tão lancinante; mas o seu anjo da guarda velava por ella e como por encanto, quando os seus a abandonaram, appareceu-lhe junto do leito uma Senhora de nobres e attenciosas maneiras; depois, ajoelhou ao pé da moribunda e com palavras que só a fé e a virtude podem inspirar, a encommendava a Deus.

«Jesus, Jesus recebi em vosso seio adoravel esta alma que remistes com vosso preciosissimo sangue, e não sejaes para ella juiz mas salvador». E a moribunda entrando na ultima agonia com uma respiração mais violenta e com uma lagrima mais ardente expirou, em quanto a Senhora com as mãos erguidas e os olhos fixos no crucifixo que a moribunda apertava contra o coração dizia: Senhor recebi esta alma e salva-a. N'este momento aquella alma desprendia-se do corpo e voava no seio de Deus para ali lhe dar rigorosa conta de toda a sua vida, em quanto o seu corpo inanimado e frio se estendia no leito para receber a mortalha!!!

Oh! que quadro! lá fora a vida com todas as suas illusões, com todos os seus desvarios! e alli dentro, a morte com toda a sua realidade!

Que quadro!... Eu olhava para tudo isto e a minha alma recebia salutaros ensinamentos, em quanto me desprendia de importunas illusões e dizia comigo mesma: a vida não é a vida; a vida é depois da morte, onde o soffrimento como os gosos, são eternos.

Depois aquelle cadaver já envolvido em triste mortalha estava n'um pobre caixão, em quanto 8 homens com velas acceças o conduziam ao cemiterio. Teve um enterro pobre, mas uma morte feliz, porque se confessou e recebeu o SS. Viatico com as devidas disposições que lhe transpareciam atravez do martyrio resignado, e lento.

M. M.

DE TUDO UM POUCO

Calendario:

Junho
15
1903

Faz 383 annos que foi excommungado Lutero e declarado herasiarcha pelo Summo Pontifice Leão X em 1520. Todos conhecem Martinho Lutero, o principal fautor da reforma religiosa na Allemanha. São estes os factos principaes da sua vida: o seu protesto contra as indulgencias; a bulla da excommunhão e as *decretaes* de Leão X, que elle queimou na praça publica; banido do imperio pela dieta de Worms, em 1521; o captivo de Wartburgo e a traducção da Biblia em lingua allemã. Lutero julgou por muitas vezes ver o diabo em pessoa, e atirava então o seu tinteiro á cabeça de Belzebuth. Nasceu este heresiarcha em 1483 e falleceu em 1546.

Humorismos:

Eis alguns pensamentos, acerca da maledicencia: Um advogado e professor jantava quasi sempre em casas alheias, e gostava muito da má lingua, o que fez com que alguém dissesse, que elle nunca abria a bocca, senão á custa da bolsa alheia.

Assim como o melhor fructo, disse um philosopho francez, é o mais espicado pelos passaros, assim o homem

mais honrado é quasi sempre aquelle de quem mais mal se diz, entre aquelles que o não são.

Diz outro escriptor francez que atacar um homem de talento é ainda para os tolos o melhor meio de chegar á celebridade.

«Nunca o scorpião se transformaria n'uma constellação, se não tivesse mordido Hercules no calcanhar.»

Um maldizente principia por dizer bem d'uma pessoa de quem quer dizer mal; e uma mulher principia por dizer bem. Cada um chega aos seus fins por maneira diversa.

\*

O poeta inglez Nathaniel Lee, depois de ter escripto muitos dramas, acabou os seus dias no hospital dos alienados em Londres. Foi ahi que elle compoz a sua tragedia as *Rainhas rivaes*.

Uma noite, em que elle trabalhava na sua obra ao luar, perpassou uma nuvem por deante da lua, interceptando-lhe a luz. Lee disse então n'um tom imperioso:

—Levanta-te, Jupiter, e trata de espevitar a lua.

Mas a nuvem tornou-se tam espessa, que de todo lhe tirou a luz.

O louco deu então uma grande risada.

—Estouvado! — exclamou elle—disse-lhe que espevitasse a lua, e elle apagou-a! Então muito boas noites!

E deu por concluido o seu trabalho.

#### Notas historicas:

Toda a gente falla na *Guerra dos cem annos*, mas nem todos sabem ácerca do que se trata. Foi assim chamada a longa guerra entre a França e a Inglaterra, e que tendo começado em 1337, só terminou em 1453. Devia, portanto, chamar-se-lhe a guerra dos *cento e dezeseis annos*.

A ambição e as pretensões de Eduardo III ao throno de França foram a principal causa d'esta guerra.

Foi infeliz para a França no reinado de Phillippe VI de Valois e de João II o *Bom*, durante as derrotas de Crecy e de Poitiers (1346-1356) e do vergonhoso tratado de Bretigny em 1360. Foi, porém melhor sustentada por Carlos V, que auxiliado por Du Guesclin (cujo retrato ainda publicamos no numero passado), expulsou os inglezes das possessões francezas; mas depois nos reinados de Henrique V e de Carlos VI (1415-1420) esteve quasi a França destruida pela derrota de Azincourt e o tratado de Trezes.

Mas surgiu Joanna d'Arc, no tempo de Carlos VII, e pôde triumphar dos inglezes no tempo de Henrique VI, a ponto tal, que em 1453 não possuíam no continente senão o porto de Calais.

A guerra civil das *duas rozas* que rebentou então em Inglaterra, conseguiu enfim libertar a França.

Esta guerra tambem foi notavel, e dividiu a Inglaterra, durante 30 annos, desde a batalha de Saint-Albans em 1455 até á de Bosworth em 1482, prolongando-se durante os reinados de Henrique VI, Eduardo IV, Eduardo V, Ricardo III, Margarida d'Anjou, e Warwick.

Havia se tornado impopular o governo de Henrique VI, por causa dos revezes soffridos na guerra dos cem annos, e formou se contra elle uma conspiração de que foi chefe o duque de Gloucester, e por sua morte, Ricardo duque de York.

Descendia este de Edmundo de Langley, 4.º filho d'Eduardo III e de Leonel de Clarence 2.º filho d'este principe. Henrique VI descendia de Henrique de Lencastre, 3.º filho d'Eduardo.

O duque de York fez valer os seus direitos á corôa usurpada por Henrique VI. Tinha elle nas suas armas

uma *rosa branca*, emquanto que Henrique tinha uma *rosa vermelha*. D'ahi o nome da guerra das *duas rozas*.

Terminou pelo triumpho de Henrique de Richmond, que tomou o titulo de Henrique VII.

Como a Inglaterra estava exhausta por longas guerras, Henrique VII aproveitou-se da situação para consolidar o poder quasi absoluto da realleza.

#### QUESTÃO SOCIAL

### Ainda as grèves

Declararam-se em *grève* os operarios tecelões do Porto. Pretendem, ao que se affirma, que sejam elevadas as tabellas dos salarios. Já, no nosso numero anterior, nos referimos ás *grèves*, em geral e já sabemos, por essa occasião, que os tecelões estavam planeando uma *grève* geral.

E effectivamente por ahi andaram, correndo por toda a cidade, uma quantidade enorme de operarios, que alguns jornaes fixaram em numero de 22 mil!

O que sabemos é que era uma quantidade enorme, que enchia por completo a Praça de D. Pedro e as suas circumjacentes.

E como esmolaram a caridade publica, houve muita gente que, compadecida, lhes dava esmolos.

Como prova de camaradagem, algumas associações de classe cotisaram-se e contribuíram com donativos em seu favor. Mas de que valiam dez, doze, quinze ou vinte mil reis, se eram vinte e duas mil pessoas as que deviam utilizar-se d'esses donativos?

Auxilio generoso foi indubitavelmente o que lhes prestaram os membros do congresso nacionalista, quando na sua terceira sessão, no dia 3 do corrente, por lembrança do rev.<sup>mo</sup> abbade de Lustoza, se cotisaram, røndendo a valiosa quantia de 600\$000 rs. E todavia, se fossemos a dividir essa grande cotisação, (que foi invejada e admirada, pelos proprios motejadores do congresso por elle ter o cunho de catholico), pelos vinte e dois mil operarios em *grève*, dava apenas a cada um a insignificancia de 25 reis!

E já que fallamos n'este assumpto, não deixa de ter cabimento uma reflexão que agora nos accode ao bico da penna.

Reuniu o centro socialista do Porto dois dias depois, e segundo affirma o *Jornal de Noticias*, aprovou *per unanimidade* a seguinte moção:

«Considerando este centro, etc. etc.

«Limita-se:

«1.º A desejar que os operarios tecelões, unidos e disciplinados, saiam triumphantes da exploração que a martyrisa;

«2.º A fazer a maior propaganda possivel, quer pela palavra, quer pela imprensa militante, para que a moção de João Pinto Maravilhas Pereira, apresentada na federação das associações, possa levar-se á sua consummação;

«3.º A registrar a forma altamente sympathica e independente, como a imprensa local, sem distincção de côres politicas, tem defendido os interesses dos infelizes tecelões. Porto, 4 de Junho de 1903—(a) Manoel Vaz—Thomaz Gasparinho.»

E nada mais. Toda a sympathia, todo o interesse, toda a dedicacão!... Mas a respeito de quotisação... nem dez reis!

E todavia o mesmo *Jornal de Noticias*, no seu numero de 4 do corrente, no *compte-rendu* em que descreve a sessão do centro nacionalista, referia-se á *quete* promovida, relatava com exactidão as especies de que ella constava,

mas, caso unico! criticava o facto, porque, sendo catholicos, todos os benemeritos contribuintes, não deviam fazer alarde da esmola, visto que a mão esquerda não deve saber o que faz a direita!

Então não achou natural, que, reunindo-se varias pessoas, que aprenderam na doutrina christã que uma das obras de misericordia é *dar de comer a quem tem fome*, se cotisassem para matar a fome a uns desgraçados, que declararam alto e bom som, não terem comido ha dois ou tres dias! O contrario,—como fizeram os socialistas—é que é anti-caridoso!

E' verdade que todos os contribuintes não entraram na questão social, declarando até, não terem amplo conhecimento das razões que militavam pró ou a favor dos contemplados. Viram apenas que andavam pelas ruas uns milhares de infelizes que diziam terem fome, e n'elles viram uns seus irmãos desgraçados, e abriram as bolsas, dando tudo quanto tinham, chegando um a dar a corrente do relógio, e outro a propria bolsa de prata, onde tinha o seu dinheiro...

Mas ainda assim foram fallados!

A.

AS NOSSAS GRAVURAS

## A Morte de Joanna d'Arc

Esta heroína franceza, conhecida na historia pelo nome de *Donzella d'Orleans*, nasceu, oriunda d'uma familia de camponeses, em Domrémy, no anno de 1412. Extremamente piedosa, cahia em extasis, e ouvia vozes celestes, que a induziam a salvar a patria. Reinava então em França Carlos VII e toda a França estava invadida de Inglezes.

Inspirada pelo céo, dirigiu-se Joanna ao governador de Vaucouleurs, o capitão Roberto de Bandricourt, que durante muito tempo não accedeu aos seus desejos, até que em 1429, quando a donzella tinha 17 annos a apresentou a Carlos VII.

Estava o rei em Chinon, e recebeu com distincção a enviada de Deus, a quem concedeu um corpo de tropa, que poz á sua disposição.

Joanna obrigou os inglezes a levantar o cerco, venceram em Patay, e sagrou solemnemente em Reims o rei Carlos VII.

Quiz depois tomar Pariz, mas em obediencia ás proprias ordens do monarcha teve de desistir d'esse projecto.

Cercou depois Compiègne, cidade sobre o rio Oise, em 1430, quando, abandonada, trahida talvez pelos seus, cahiu prisioneira dos inglezes, que, no anno seguinte (1431) a queimaram viva em Rouen, accusando-a de heretica e feiticeira.

A nossa gravura representa esse horrivel quadro, de eterna vergonha para Carlos VII, que não deu um só passo para salvar essa grande rapariga a quem devia o throno.

Julio de Quicherat escreveu o «Processo de condemnação e de rehabilitação de Joanna d'Arc» que é uma obra que honra a erudição franceza. A pobre martyr foi rehabilitada em 1456, isto é vinte e cinco annos, depois da sua morte.

## Fénélon, arcebispo de Cambrai

Francisco de Salignac de la Mothe Fénélon, arcebispo de Cambrai, nasceu em 1751, no castello de Fénélon em Quercy, e falleceu em Cambrai, em 1715. Perceptor do duque de Borgonha, transformou o character violento e vicioso do seu discipulo, em cujo reinado fundava grandes

esperanças. Era elle Luiz, filho de Luiz XIV, herdeiro do throno, e que falleceu em 1711, quatro annos antes d'el-rei seu pae. O filho d'este é que, em 1815, (anno em que falleceu o preceptor do pae), era proclamado rei, apazar de ter só 5 annos, com o nome de Luiz XV.

Escreveu as «Aventuras de Telemaco filho, d'Ulysses», com o fim de ensinar o seu regio discipulo, mas esse livro foi a causa de incorrer no desagrado de Luiz XIV, por causa das allusões indirectas que ali se encontram. Escreveu tambem varias outras obras. Entre ellas avultam as seguintes: *A educação das meninas, Tratado da existencia e dos attributos de Deus, Tratado do ministerio dos pastores, Maximas dos Santos* etc.

Este digno e virtuoso prelado, amado por todos os seus diocesanos, pregava amudadas vezes, e tinha por costume improvisar todos os seus sermões.

RETROSPECTO DA QUINZENA

## Interior

—Reunii nos dias 1, 2 e 3 do corrente o Congresso Nacionalista Portuguez, como havia sido annunciado.

Este congresso, attendendo á qualidade dos assistentes, reunidos de todos os pontos do paiz, á eloquencia dos seus oradores, ao enthusiasmo que entre todos reinou, excedeu a toda a expectativa.

A principio, presidiu o ex.<sup>o</sup> conde de Bertandos, depois o dr. Mendes Lages, de Lisboa, e por fim o snr. conde de Samodães.

Na primeira sessão fallaram os snrs.: conde de Bertandos, Padre Benevenuto de Souza, Manuel Pestana e conego Rodrigues. Na segunda sessão (dia 2) fallaram os snrs.: conde de Samodães, conselheiro Manoel Albuquerque, dr. Mendes Lages, Padre Roberto Maciel, dr. Bento do Amaral, e dr. Polido Garcia. Na terceira e ultima sessão, fallaram os snrs.: Lemos Ferreira, abbade de Lustosa, conselheiro Jacintho Candido, conde de Samodães, e conego Antonio Augusto Rodrigues. Todos os oradores foram eloquentissimos e muito applaudidos, sendo alguns interrompidos com grandes applausos e muito enthusiasmo. Foram enviadas memorias de grande valor, e muitos tambem os telegrammas de adhesão que foram recebidos.

—Estabeleceu-se a greve geral dos operarios tecelões. Ao terceiro dia, já havia peditorios pelas ruas, allegando terem fome. No dia 10, andaram os jornalistas portuenses em bando precatorio pelas ruas do Porto obtendo a quantia de 670\$000 rs. Muitos outros donativos lhes foram dados. Mas como os grevistas eram milhares, pouco tocara a cada um.

—No ultimo dia do mez de maio realisou-se no magestoso templo do extinto convento de Santa Clara, em Villa do Conde a primeira communhão ministrada aos reclusos da Casa de Detenção e Correção do Districto do Porto.

Foi ministrante o Rev.<sup>o</sup> conego Prier d'aquella villa, que tambem celebrou missa solemnemente, scolytado pelos rev.<sup>os</sup> Padre José Praça, e Padre Manoel Pereira.

Assistiu tudo quanto a villa tem de mais illustrado, especializando muitas senhoras.

## Exterior

O facto mais importante que se realisou n'esta quinzena foi os telegrammas que os jornaes da tarde publicaram no dia 6, e os jornaes da manhã no dia 7, noticiando nada mais nada menos, que o fallecimento de Sua Santidade o Papa Leão XIII.

E' certo que dias antes havia constado que o chefe da Igreja Catholica estava doente com grande abatimento e extrema fraqueza, facto aliás muito natural na sua avançada idade.

Mas d'ahi á noticia alarmante da sua morte, havia uma distancia incommensuravel. Mas a maioria do nosso jornalismo liberal entende, *à tort et à travers*, que morrendo o Papa, morre a igreja catholica. Julga talvez que se trata d'uma guerra, e que se diz: *morto o pastor, dispersam as ovelhas*. Mas isso está longe de se realizar, porque se dá tambem o conhecido prologo: *Le roi est mort, vive le roi*. E por isso, reunido o conclave, dádo o caso que fallecesse Sua Santidade, era eleito novo Pontifice, e esse seria egualmente o successor de S. Pedro e o chefe da Igreja Universal.

Mas não se trata de nada de d'isso.

Sua Santidade está vivo. Dois dias depois das terrificas noticias, publicaram os jornaes o seguinte telegramma:

*Paris, 9:—*Despachos de Roma, dizem que Sua Santidade está dominado por uma grande fraqueza. Não attendendo aos conselhos dos medicos, tem continuado a dar audiencias, e a occupar-se com trabalhos que mais augmentam essa fraqueza.»

Ora d'isto, ao que se dizia, medêa um abysmo. Como queriam, pois, que o Nuncio apostolico e o governo tivessem recebido telegrammas, noticiando o seu fallecimento, se Sua Santidade estava vivo, e de mais a mais dando audiencia a prelados, e tratando do proximo consistorio? Já é gosto, não acham?

—Uma horda de negros, habitantes de Figuig, na costa oriental de Marrocos, atacou o governador geral de Argelia, possessão franceza confinante, quando elle acompanhado de tropas e auctoridades ia syndicar dos attentados feitos pelos marroquinos contra os argelinos. O resultado foi serem atacados por elles, tendo evitado o governador de ser morto, por ter sido salvo pelas tropas francezas.

O governo de França tomou o facto em caso de honra, e Figuig, começou no dia 9 a ser bombardeado por tropas francezas e argelinas, causando-lhe bastantes estragos.

Parece, porém, que prevalece a ideia de se entenderem entre si as diversas potencias, firmando um accordo, por causa dos interesses que tem em Marrocos. Essa acção foi muito instigada pelos jornaes allemães.

## Razão Philosophica

E

*Historica da minha crença e sua Applicação Social. Estudo feito por José Dias de Souza Culizans, medico cirurgião pela escola medico-cirurgica de Lisboa, antigo facultativo militar, facultativo municipal aposentado.*

### CONTINUAÇÃO

Duas me parece serem essas condições:—1.º; a necessidade de se unir a alma a um corpo para formar a natureza humana;—2.º, a necessidade de ter esse corpo uma organização, que satisfaça a aptidão intellectiva da alma.

Concede-se que essa organização tenha limites, e não repugna admittir entre esses limites uma certa gradação. Pois não vemos nós, segundo o gráo de intelligencia de que cada um é dotado, uma grande differença entre os homens? E nem por isso deixa de ser homem o que tem fraca intelligencia, e nem é mais homem do que este o que a possui em gráo elevado. E a que é devido essa differença? Sem duvida a uma tal ou qual modificação organica mais ou menos agradável. E até onde poderá chegar essa modificação, ou mesmo transformação, para que por

meio d'ella a alma possa desenvolver toda a intelligencia, de que é dotada? Para o nosso caso é indifferente estabelecer esse gráo, o que é impossivel; basta-nos reconhecer a possibilidade.

Em reforço d'este argumento vem tambem a differença, que debaixo d'este ponto de vista se nota entre o homem e os animaes; o que é mais uma prova contra a primeira e segunda hypotheses do capitulo antecedente. Com effeito, vê-se que cada especie tem um extincto, que lhe é proprio, e de que necessita, e que nenhum individuo da mesma especie o possui em maior ou menor gráo que outro. E que mostra isto? que a alma do animal está de tal maneira identificada com a organização, que se acha d'ella inteiramente dependente, sem que possa existir sem ella, e porisso sem liberdade alguma; em quanto que no homem, posto que a alma necessite do corpo para formar a natureza humana, é contudo uma entidade, um principio, differente e independente do mesmo, porque tem a liberdade de obedecer, ou, não, aos seus estímulos; sendo além d'isso pelas leis proprias d'esse principio que o homem se rege, e se dirige ao seu fim, e não pelas do corpo, ás quaes não tem necessidade de obedecer, senão para a sustentar, e ainda assim subordinados ás do espirito. Accusando ainda, que para comprehender essas leis—as do espirito ou do moral—todo o homem, qualquer que seja o gráo de intelligencia, de que seja dotado, e qualquer que seja a sua instrução, e até sem nenhuma, tem a aptidão necessaria.

(Continua).

### PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os fasciculos n.º 87, 88, 89, 90 e 91 da Biblia Sagrada, grande edição popular esplendidamente illustrada, versão do Padre Antonio Pereira de Figueiredo e commentada pelo Rev.º Santos Farinha, bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra, e professor da lingua e litteratura hebraica no Seminario de Lisboa.

Assigna-se esta importante obra na Livraria Moderna, rua Augusta n.º 95—Lisboa.

—*Encyclopedia Portugueza illustrada*—Sentimos não poder accusar a recepção d'esta obra, porque depois do fasciculo n.º 223, não mais tornamos a receber fasciculo algum, o que participamos á ex.ª empreza, para seu conhecimento, afim de que dê providencias.

—Tambem recebemos e agradecemos um opusculo intitulado «A Real Officina de S. José do Porto, na sua gerencia de 1902 Vem acompanhado de 4 phototypias, e 2 mappaes elucidativos. Vamos ler com interesse.

## EXPEDIENTE

**Continua ainda doente, poucas melhoras tendo tido, o proprietario d'este jornal, e é devido a esse facto que ainda ha irregularidades na respectiva publicação. Tudo isso cessará, podendo elle responder mais desafogadamente ás cartas que tem recebido, logo que se restabeleça.**

**Lembramos de novo aos nossos assignantes, que não deixem nunca de mencionar os numeros das listas colladas nas capas dos jornaes, todas as vezes que tenham de fazer reclamações que se prendam com a administração do PROGRESSO CATHOLICO.**

## PROGRESSO CATHOLICO

**Compram se os n.ºs 1, 11, 15, 16 e 19 do settimo anno d'esta Revista.**

# LIVROS RELIGIOSOS

A' venda na Typographia Catholica de José Fructuoso da Fonseca — Rua da Picaria, 74 — Porto

## IMITAÇÃO DE CHRISTO

Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada  
com notas por

MONSIEUR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.

D. ANTONIO, BISPO DO PORTO

### Preços:

Em percalina . . . . .	300 reis
Em carneira com folhas douradas. . . . .	500 "
Em chagrin, douradas . . . . .	1\$000 "

## BERNADETTE

SOROR MARIA-BERNARDA

POR

HENRIQUE LASSERRE

Vertido da vigesima-segunda edição franceza

POR

A. Peixoto do Amaral

1 vol., broch. . . . . 400 reis

## HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

COM APPROVAÇÃO E RECOMMENDAÇÃO

DE S. EM.<sup>o</sup> O SNR.

Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

Nona edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol., enc. . . . .	250 reis
Douradas . . . . .	500 "

**Cartas Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII**—  
5 vol. Broch. 2\$300. Enc. . . . . 3\$000

**Vieira-Prégador** pelo rev.<sup>mo</sup> Padre Gonzaga Cabral 2 vol.  
broch. . . . . 2\$000

**Vida, virtudes e milagres** do B. João Grande. 1  
vol. broch. . . . . 500

**O postolado** da imprensa — O Apostolado da educação — O  
Apostolado do clero — Conferencias religiosas que nos domingos da  
quaresma de 1882, 1883 e 1884, recitou na Sé Cathedral do Porto  
Monsenhor Luiz Augusto Rodrigues Vianna—3 vol., broch. . . . . 750

**Vida Popular de S. João de Deus.** Fundador da Or-  
dem que usa o seu nome e Padroeiro de todos os hospitaes do mun-  
do catholico, pelo Padre Ignacio Maria Maguin, sacerdote da mesma  
Ordem—Versão do francez pelo Padre J. M. R. S.—Com diversas ap-  
provações. 1 vol., broch. . . . . 500

**Historia de S. Francisco de Assis** por J. M. S. Dauri-  
gnac. Tradução de M. Fonseca. 1 vol. broch. . . . . 600

**Caheclismo** para uso do povo contra o protestantismo, com-  
posto pelo Cardeal Cuesta, Arcebispo de S. Thiago. Approvado pelo  
Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. . . . . 50

**As Tres Rosas dos Escolhidos** Por Monsenhor Ségur.  
Tradução franceza pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conde de Samodães—Com um  
breve de S. S. Leão XIII, e approved e recommendado pelo Em.<sup>mo</sup>  
Snr. Cardeal Bispo do Porto—Terceira edição—1 vol., broch. . . . . 200

**A Mãe** segundo a vontade de Deus, pelo Abbade J. Berthier  
M. S.—Vertida do francez, pelo snr. A. Peixoto do Amaral—1 vol.,  
brochado. . . . . 600

**Resumo da Doutrina Christã.** Com approvação do Em.<sup>mo</sup>  
Cardeal Bispo do Porto. Cada cento, 1\$000 réis. Um exemplar. . . . . 20

**O Livro de Todos** pelo Abbade J. Berthier M. S. Vertido do  
francez pelo snr. A. Peixoto do Amaral. 1 vol., broch. . . . . 600

**Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus.** Appro-  
vadas para toda a Igreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por de-  
creto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899 . . . . . 10

**Formula** de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Por-  
ciuncula—1 folheto. . . . . 50

**Preces** que por ordem de Sua Santidade Leão XIII, devem ser  
recitadas de joelhos, depois das missas rezadas em todas as egrejas  
do orbe catholico—Tradução approva la pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo  
do Porto—Em portuguez, 10 reis—Em latin e portuguez . . . . . 50

**Oração** para se offerecer a Sagrada Communhão—Approvada  
pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. . . . . 10

**Formula** de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Pres-  
cripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de  
1899—Tradução approvada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Coelho da  
Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar . . . . . 10

**Jesus Vivo** no Padre—considerações sobre a excellencia e san-  
tidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus.  
Versão da 3.<sup>a</sup> edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—  
Com approvação e recommendação dos Prelados portuguezes. — Um  
grosso vol., broch., 700, enc. . . . . 900

**A Confissão Sacramental**—Pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Padre Manuel  
Marinho—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto—1  
vol., broch. . . . . 250

**Defesa** da creença catholica — (refutação das «Lendas Christãs»  
pelo snr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. . . . . 500

**Modo** de ouvir missa pelos defunetos e orações do hom chris-  
tão. Obra recopilada por A. Peixoto do Amaral. Com approvação do  
Ex.<sup>mo</sup> Snr. Vigario Capitular. 1 vol., broch., 100—enc. . . . . 160

**As Chammas** do Amor de Jesus—ou provas do amor que Je-  
sus tem testemunha-lo na obra da nossa redempção, pelo Abbade D.  
Pinnard (5.<sup>a</sup> edição). Tradução pelo Reverendo Padre Silva, professor  
do Collegio de Cuejães e precedido d'uma carta encomiastica de Mon-  
senhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espiritual dos Semina-  
rios Diocesanos do Porto. E' um livro precioso e já conta as valiosis-  
simas approvações e recommendações do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal D. Ame-  
rico, Bispo do Porto; Em.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Patriarcha de Lis-  
boa, e dos Ex.<sup>mos</sup> Snrs Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do  
Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de preto de 300 paginas in-  
16.<sup>o</sup>—Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado,  
700 reis e pelo correio . . . . . 740

**Tudo** por Jesus ou caminhos facéis do amor divino, pelo Rev.  
Padre Frederico William Faber, Superior do Oratorio de S. Philippe  
de Nery, de Londres, Doutor em Theologia—Obra traduzida do  
inglez para o francez por M. de Bernhardt e d'esta lingua para o por-  
tuguez por F. Preto Pacheco—1 vol., broch., 600—enc. . . . . 800

**O mez de Maio** consagrado á Santissima Virgem Mãe de Deus.  
Novo Manual para os exercicios de devoção n'este mez, pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr.  
Conde de Samodães, com a collaboração poetica de Antonio Moreira  
Bello—Com permissão e approvação do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Bispo  
do Porto—1 vol., enc. . . . . 400

**Vida popular de S. Vicente de Paulo**—pelo Padre  
Berbigner, conego honorario de Bordeus e Arcypriste de Ligorno—  
traduzida do francez, por M. Fonseca—Com approvação do Em.<sup>mo</sup>  
Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. . . . . 400

**Todos os pedidos acompanhados da sua respec-  
tiva importancia devem ser dirigidos ao editor  
José Fructuoso da Fonseca R. da Picaria, 74—  
PORTO.**

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,  
Industrial de Lisboa de 1888  
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de lamascos de seda e ouro, lisos e lavrado;  
paramentos para igreja; galões e franjas d'ouro fino e falsos  
setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portu-  
guezas.